

Violência e Grupanálise: Uma epistemologia da violência

João Azevedo e Silva

Médico Psiquiatra. Grupanalista e Membro Didata da Sociedade Portuguesa de
Grupanálise

jazevedoesilva1@sapo.pt

Resumo:

O autor, depois de relembrar toda uma variedade de formas de violência, desde as mais explícitas às mais encapsuladas, procura, tal como o fez S. Freud, encontrar raízes profundas e comuns a todos os seres humanos para a violência e que julga ter encontrado no fenómeno psicológico que designou como “o assassinato do objeto psicanalítico, imprescindível e imperecível”. O autor define este objeto, desenvolve teoricamente o conceito, e apresenta de seguida, exemplos clínicos esclarecedores.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Grupanálise; Epistemologia da violência; assassinato do objeto imprescindível; assassinato do objeto imperecível

Comunicação: Uma epistemologia da violência

Como já na sessão de abertura referi, a comissão organizadora fez pressão para que o tema do congresso não se ficasse pela “Agressividade” mas fosse centrado sobre a sua parcela mais forte “A violência”; ao mesmo tempo que sugeri que eu fizesse uma intervenção de fundo sobre o tema, o que subscrevi e aceitei.

Mas ao fazê-lo, coloquei-me numa posição difícil a qual me trouxe à mente os conhecidos versos de Luís Vaz de Camões:

*“Perdigão que o pensamento
Subiu no alto lugar
Perde a pena do voar
Ganha a pena do tormento.”*

¹ Conferência apresentada no XIII Congresso Nacional de Grupanálise “Violência e Grupanálise”, no ISPA-IU, Lisboa, a 19 de Outubro 2012.

Assim me senti; mas também me ocorreu aquele não menos conhecido: “*Tudo vale a pena se a alma não é pequena.*”

E avancei! Refletindo primeiro, num certo recolhimento e agora convosco congressistas e colegas, sobre aquilo que me propus abordar: “Uma epistemologia da Violência.”

Certamente que compreendereis que o tentar discorrer sobre um tal assunto me traga alguma inquietação: Violência no Uganda com massacres entre certas tribos e extermínios à catanada de populações inteiras? Violência no Médio Oriente? Na Europa Central onde uns, Cristãos, Muçulmanos, extirpam outros, mulheres grávidas inclusas? Iraque? Irão? Mulheres lapidadas? Um sem findar de violências! Arábia Saudita e a lei taliónica. Etc.

Na verdade, não me sinto apto para uma abordagem tão ampla, nem sequer me parece oportuno tentá-lo aqui pelo que me vou restringir à chamada Civilização Ocidental incluindo, evidentemente, os E.U.A..

No entanto espero que, mais adiante, para além daquelas formas tão variadas de brutalidade, de fundos socioculturais tão diferentes, consiga encontra-lhes raízes psicodinâmicas profundas comuns a todas elas, isto é: quais alguns dos fundamentos epistemológicos da violência.

Para o conseguir fui percorrendo, como tenho por hábito fazer em situações similares, percorrendo, dizia, as estantes da minha biblioteca-discoteca-depósito de uma grande parte das minhas memórias, acabando por me refugiar em Freud, tomando-o como ponto de partida para o meu pensar.

Freud, em vários dos seus escritos - parceladamente ou em pleno - aborda inúmeras vezes o problema da Agressividade, da Violência, do Ódio... Por exemplo, no complexo e difícil texto sobre Totem e Tabu (1912-1913) com a especulação sobre a Horda Primitiva e o assassinato do Pai Primaz, ou na carta a Einstein – Porquê a Guerra (1937) - ou na Metapsicologia, dissertando sobre as vicissitudes das pulsões (Triebs) ao estudar as estruturas de marcada analidade, reflete como nelas se oscila, frequentemente, entre o Amor passional e o Ódio violento; etc.

Mas de entre todos estes trabalhos, para os meus fins do momento, sobressaiu-me o seu texto sobre “ A nossa desilusão perante a guerra” (Freud S, 1915a)

Na essência, ao longo do interessante, inteligente mas ingénuo artigo, Freud procura encontrar para a violência que irrompe durante as guerras, mesmo nas Nações e Países civilizados, segundo o seu parecer, raízes básicas, comuns a todos os povos que seriam os instintos primitivos, eventualmente ligadas ao instinto de Morte (*Thanatos*) e a certas elaborações “desviantes” do *Eros*, os quais teriam sido precariamente transformados e elaborados face às exigências das Civilizações, mas que se manteriam sempre “recuperáveis”; ressurgindo em diversas circunstâncias, entre elas as vicissitudes socioculturais que originam as guerras.

Havia que admitir, como Freud tentara, que a Violência, qualquer que fosse a sua expressão e colorido, teria em todos os seres humanos as mesmas raízes primárias.

Como já disse, as formas de manifestação da Violência são múltiplas e variadas: extirpar, lapidar, electrocutar, seringas progressivamente mortíferas e outras formas das diversas penas de morte...expressões fulgurantes da brutalidade... Mas agora quero destacar tipos muito especiais de violência que classificaria de violências insidiosas e encapsuladas, mas altamente malévolas.

Freud já referira algumas delas, por exemplo, a rejeição – discreta ou não – do estrangeiro que se acolhia a um dos vários “países civilizados” europeus... No entanto, eu gostava de ir um pouco mais longe.

Assim: A “agradável” imagem da Sr.^a Merkel, de um país saído do nazismo há um instante histórico, com a sua política de imposição económica e financeira, acompanhada pelo “gracioso” Sarkozy, num servilismo que põe em causa a dignidade da França dos tempos do “*Alons enfants de la Patrie, le jour de gloire est arriver*”, ambos, Merkel e ele, defendendo o progresso da União Europeia da Fraternidade, para isso acirrando a primazia da competitividade; tal como já o fizera Obama no seu discurso de confirmação na presidência dos E.U.A, o que sempre me fez recear que fosse (Obama) uma mera mudança de cor.

Sarkozy substituído por Hollande que já promulgou medidas bastante significativas... Mas a ver vamos...

E a Inglaterra? O Reino Unido, os Irlandeses que o digam, sempre na margem da Europa. O Reino Unido recentemente lançou a “Abertura dos Jogos Olímpicos em Londres” (27/07/12; fecho:12/08/12) com um formato criativo, inteligente e culto, mas com um marcado perfume imperialista que deve fazer tremer a já algo trémula onnipotência da Sra. Merkel.

Tudo isto, fraternidade é fraternidade quando se alcunham os Povos do sul da Europa (e não só) de *Piigs*...

No entanto há outras formas mais maliciosas de violência. Por exemplo as “ditaduras informáticas”. Ainda recentemente recebi da Ordem dos Médicos instruções sobre a minha “informatização obrigatória”. Sou, compreensivelmente, um principiante no uso do computador; pois que impuseram-me que tomasse tantas medidas que tive de chamar uma nora minha para as levar a cabo... e fiquei com uma tralha eletrónica que não sei o que lhe fazer...

Mas agora quero referir-me à violência escondida da “nossa” Comunicação Social com alguns exemplos escolhidos entre os milhares possíveis. Assim, para além do quase absoluto silêncio sobre as medidas tomadas por Hollande, outros atos de violência mais insidiosos existem. Por exemplo:

- Quando um indivíduo, ou vários, de armas na mão e comportamentos brutais assaltam um automóvel, escreve-se ou diz-se um elegante *carjacking*.
- Ou quando um grupo de jovens covardes se associa para massacrar um único e mais frágil deles, diz-se, divulga-se, escreve-se: Houve um *bullying*.
- E quando se fazem cartazes publicitários, hoje em dia, felizmente, mais raros, acerca do abuso de drogas, reclamando-se: Droga, Loucura ou Morte – sigla sedutora para um incontável número de jovens, a qual me

faz lembrar a insígnia da arma de Cavalaria em que servi e que proclamava: Glória ou Morte.

- E quanto às telenovelas tipo “Morangos com açúcar” onde se propagandeia um modelo corrompido de adolescente? Oiça-se Margaret Mead e os seus comentários, hoje muito discutidos, acerca da adolescência das meninas da Samoa, ou, se preferirem, o meu escrito sobre a Metapsicologia da Adolescência apresentado no I Congresso Português de Psiquiatria da adolescência (Azevedo e Silva, 1979: Conceito de Adolescência: um ponto de vista estrutural, metapsicológico e suas consequências).
- E a mostra de adolescentes existindo em locais escolares inexistentes entre nós, voltando depois para “os seus lares”, instalando-se sobre sofás e camas de ricas colchas coloridas, com os seus “ténis” (naturalmente sujos por virem da rua) num estar de abstruso exibicionismo que até já causou indirectamente acidentes de viação.
- E não se pense que se trata de algum toque de misoginia; felizmente moro em frente do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho (Lisboa). E quando chega a hora “dos intervalos escolares” a rua enche-se de jovens, rapazes e raparigas, introduzindo um colorido, uma vivacidade que transformam, por instantes, a morta artéria numa quente rua latina.
- A violência está nos modelos alienados e alienantes com que tentam seduzir estes jovens.
- Ou a Violência Doméstica e o Machismo.
- Ou as invasões publicitárias, de pesado mau gosto, quase sempre da T.V., rádios, e jornais.
- Ou a imposição do uso exclusivo de língua Inglesa, com o expulsar do Português do grupo das línguas oficiais da Europa? Ou o ridículo acordo Luso-Brasileiro onde um *facto* ou um *fato* passam a ser a mesma coisa?

- Ou...ou...ou...! Etc.

Tudo isto, e muito mais, acontece – ação alienante, violência encapsulada – por ignorância ou ingenuidade?

Não creio! Julgo antes que há uma intencionalidade malévola, competitiva e destrutiva atrás da qual se exprime uma violência sub-reptícia e de fundamentos sócio-culturais complexos que me deixam crivado de interrogações mas não incapaz de intuir qual o “PREC” que está por de trás mas agora lido como “Processo Retrógrado em Curso”, mascarado pelas ditas “Crises dos Mercados Financeiros” e com um regresso às opções mais negativas.

Formas de violência encapsuladas e que explodem quando encontram oposição forte ou ambiente propício.

De qualquer forma, ao impor-me o tema de “Uma Epistemologia da violência” - um pouco no seguimento de Freud – propus-me encontrar algumas raízes profundas da violência, comuns a todos os seres humanos.

Resolvi então retomar um ensaio que li num dos Seminários Eduardo Luís Cortesão, organizado mensalmente pela SGP, e na medida em que ele é reservado a um número restrito de formandos não é do conhecimento da larga maioria de vós. (Azevedo e Silva, 2012). Portanto, posso abordá-lo sem repetição.

O seu título era, e é, o de Reflexões sobre “O assassinato do Objeto imprescindível e imperecível” comportando três itens:

I- Teoria

II- Exemplos clínicos

III- Ligação à Grupanálise

I-Teoria

Antes de mais cumpre-me tentar uma definição mesmo imperfeita, dadas as interrogações que se me põem, mas suficientemente clara, daquilo que

compreendo por Objeto Imprescindível e Imperecível, bem como esclarecer porque uso a palavra “assassinato”.

Começo pelo mais simples: para mim o conceito de assassinato é algo de mais violento do que os de “morrer”, “matar”... lembra-me o dito brasileiro onde alguém se interroga:

Morreu? De morte morrida ou de morte matada? (in Vida e Morte de Severina de Luís Cabral de Melo Neto).

Portanto, emprego o “assassinato” intencionalmente para que fique bem clara a ideia e o vivenciar duma plenitude de violência.

Passando para os conceitos de Objeto imprescindível e imperecível; o primeiro termo – objeto – emprego-o com o significado clássico em psicanálise e grupanálise.

No “imprescindível” é que reside a novidade embora, evidentemente, não surja desgarrado mas sim tendo as suas raízes em todo o historial evolutivo das diversas abordagens da teoria psicanalítica e grupanalítica.

O objeto imprescindível (não dispensável no sentido forte do termo) é essencial para o desenvolvimento humano: sem ele, o bebé, a criança, o jovem ou o adulto – e sabe-se lá se não “o velho” – não podem desenvolver-se.

E o que é ele? É um objeto psicológico interno fruto de vivências autónomas do sujeito (fome, peristaltismo intestinal, surtos taquicárdicos, o frio, o bem estar físico...) e de vivências resultantes de estímulos exteriores, internalizadas em dialética com os anteriores (a presença adequada da mãe, do berço, do lar...de qualquer coisa que seja significativa para o desenvolvimento do bebé).

Quanto a mim, não se trata apenas do predomínio da presença real (objetiva) da mãe, como vários autores mas sobretudo, talvez Fairbain, Guntrip, Kohut, Winnicott pretenderam impor, embora não o tenham feito de modo linear...mas quase; (compare-se v.g. com Joan Riviere e Susanne Isaac).

Trata-se antes de um objeto interno construído a partir de todos aqueles elementos que referi do qual, o bebê sem uma percepção clara, sente a imprescindibilidade para que subsista “no bem e no mal” estar.

Sendo imprescindível, por aquilo que é, a sua presença para o bebê é “imprescindível” (embora o definido não deva entrar na definição).

E a sua presença para o bebê é imprescindível porque é o dador de gratificações vivencialmente essenciais para ele bebê, e por tal, ao mesmo tempo, o objeto é uma benesse e um perigo. Se falta a sua essência existencial periga; e periga por aniquilação pois o que falta é a essência do existir, o advento do vazio (espécie de Nean de Jean Paul Sartre mas ainda mais drástico).

Quando tal acontece, o bebê “sente-se” à beira da aniquilação, o que compreensivelmente desencadeia impulsos destrutivos, raivas e ódios, não apenas de Matar mas de Assassinar.

E é preciso que o bebê possa vivenciar a emoção para, como diria, talvez, Bion, se desintoxicar.

E aqui surge o dilema: o bebê tem de poder vivenciar plenamente a sua raiva assassina, senão a sua evolução fica perturbada (intoxicada – Bion). Mas o objeto é imprescindível e, sendo assim, o bebê tem de ser capaz de assumir aquela raiva com a certeza que realmente Mata o objeto mas paradoxalmente, tendo também a certeza de que o objeto imprescindível como é – perdura.

É uma enorme contradição mas que uma análise bem conduzida deve trazer à superfície da consciência.

E vou exemplificar o dito

II- Exemplificação Clínica

Vou procurar demonstrar o que disse com alguns exemplos clínicos mas com uma ressalva: expor casos clínicos ao público, é sempre difícil por razões éticas e de sigilo profissional. Portanto, ao apresentá-los, vou “arranjá-los”

devidamente para que não sejam reconhecidas as pessoas sem que a veracidade fique alterada.

1º Exemplo

Há largo tempo atrás fui procurado por uma jovem mulher de trinta e cinco anos, esbelta, seca, atlética mesmo, com cerca de 1,70m, licenciada em Economia; começara a exercer como gestora, viajando muito por imposição profissional.

Casada com um homem sensivelmente da mesma idade, de um ramo profissional afim e, ambos, com interesses comuns (alguma literatura, cinema, muitos desportos, etc). Sem filhos na altura. Não vou alargar-me na descrição do “Caso clínico” por não me parecer necessário na presente circunstância. Direi apenas que ela me “informou” que queria fazer uma psicanálise, tendo sido uma amiga que lhe indicara o meu nome.

As “razões” giravam em torno de, tendo um casamento e uma profissão aparentemente bem sucedidas, no seu interior reinava uma sensação de incompletude existencial; queria compreender-se e sentir-se mais feliz.

Aprazamos o protocolo clássico de uma psicoterapia psicanalítica de divã, duas vezes por semana e começamos.

Pouco a pouco foi-me desvendando vivências da sua vida pessoal e familiar: A Mãe, de origem nórdica, sempre fora uma mulher atraente, cuidada mas com “um não me toques” no penteado...”*Olha a minha saia*”. Era atenta ao marido e filhas, mas sempre distante.

Manuela, nome que lhe dei, sempre tentara, dizia, um contacto íntimo mesmo físico, com pouco sucesso: “*Menina, está a amachucar-me a saia; olha o meu cabelo...*”

E fala-me de uma recordação para ela inesquecível. Uma vez em que se precipitara para a mãe, num desejo de lhe comunicar um qualquer acontecimento de sucesso, a mãe pára-a exclamando, “*Menina! Primeiro compõe essa blusa toda desarranjada; tem termos!*” Rejeição gélida, sem zanga.

Um dia, quando a mãe passeava à borda de uma piscina, vestido de praia alinhado, penteado composto, sem touca protetora, Manuela veio por de traz e empurrou-a para dentro de água: esbracejar, vestido molhado, cabelo escorrendo, desalinhado – grande aflição!

Manuela ri, para fora e muito mais para dentro. *“Até que enfim! O prazer que me deu era a expressão de uma raiva que nunca pensara pôr em prática, se bem que disfarçadamente”*.

Destruição!

Mas a mãe voltou, saída da água, para retomar os cuidados indispensáveis à filha e ao marido (que até se rira).

Pessoalmente pensei – e noutras ocasiões, pouco a pouco, fomos esclarecendo os conflitos vivenciais ali contidos – pessoalmente pensei, repito, que era uma passagem ao acto destrutivo da Esfinge Materna, distante – esfíngica – acto vivenciado com fortíssima intensidade...Mas sabendo ao mesmo tempo que a Esfinge não soçobrava: apesar de assassinada, não morria; era o destruir do objeto imprescindível mas imperecível, o que lhe dava a segurança para o ataque.

Mais tarde esclarecemos: A mãe indispensável, querida e rejeitante, violentamente atacada, desaparecia na água, descomposta... e com o aplauso do pai... Mas, imprescindível para ambos, voltava.

2º Exemplo

Também já há alguns anos fui procurado por um homem dos seus trinta e cinco anos, tipo atlético, metro e setenta e cinco de altura, licenciado em Direito e já com algum sucesso profissional; casado, num casamento que decorria numa banalidade aceitável. Vinha procurar-me – culto como parecia ser – para fazer uma psicanálise; as suas “determinantes” eram as de uma constante inquietação ansiosa, com crises que roçavam os ataques de pânico durante atos profissionais.

Procurara as raízes de tudo isto e ligava-as a um passado juvenil – ele, lisboeta – com contactos frequentes com campos Ribatejanos e Alentejanos, em festas campestres onde constantemente predominavam toiros, cavalos... e cães!

Ele tinha ali – dizia – um estar mais ao menos para fóbico mas sempre conseguira” ir-se safando “ disfarçando os seus receios; mas o todo sabotava-lhe o prazer das festas.

Os cães é que tinham sido sempre o problema mais forte. Tinha-lhes um medo difícil de disfarçar, o que lhe causava um grande incómodo social...Medo de um toiro, percebia-se... mas pânico de um cão!..

Às vezes ligava tudo isto a um presente recebido aos seus 3/4 anos onde um cão atacava o rabo de um preto.

Mas... Passado era passado e, no entanto, a inquietação ansiosa que lhe prejudicava o existir, o casamento e “os quase ataques de pânico” surgindo em cenários profissionais, precisavam ser resolvidos e por isso desejava fazer uma psicanálise.

Aprazamos um protocolo analítico clássico (divã e três sessões por semana) e começamos.

Mais uma vez não vou alongar-me descrevendo “o caso clínico”; vou apenas referir dois episódios, quanto a mim, muito significativas:

1º Episódio. Numa sessão conta-me com grande emoção e estesia – um acontecimento real:

Um dia andava a passear pelo campo (Alentejo) e viu “*uma bonita galera daquelas de quatro rodas, eixo “chiante” e um toldo, as quais às vezes até eram puxadas por bois*”

Aproximou-se, lembrando antigas memórias, na tranquilidade de momentos passados quando, de súbito, de baixo da galera, sai um grande cão, misto de perdigueiro e mastim, que avança, fauces arreganhadas, disposto a atacar. X não tinha qualquer possibilidade de fugir: correr num descampado? Saltar para dentro da galera, o que o toldo impedia?...Então, contou-me:

“Olhei para o cão de beíças arregaçadas, dentes à mostra: frente a frente...E inundou-me uma autêntica fúria assassina: És tu quem vai pagar por todos os sustos, vexames e frustrações que sofri... E estaquei, pernas afastadas, seguras, braços arqueados para diante, mãos em garra, furor de atacar - és tu quem vai pagar!... O bicho recuou, agachou-se, ficou sob a galera...Venci! Teria esganado o cão...”

Faz uma pausa e murmura: *“Que delícia de momento...”* Fica calado parecendo gozar a memória da emoção assassina.

2º Episódio: Os Sonhos assassinos.

Em nova sessão – aliás vai abordar o tema várias vezes – X conta que ao longo da sua análise tem tido vários pesadelos muito especiais... É estranho, diz, pesadelos agradáveis... E começa a contar,

“Por vezes, quando à noite estou a dormir, começo a sentir-me muito agitado, tenso, cada vez mais tenso, até que sinto uma grande raiva, uma autêntica vontade de matar, de assassinar; os músculos todos vivos. Sento-me na cama e sinto um “é agora” de matar violento. Não há imagens, não há figuras concretas... é só a vivência de uma grande raiva assassina... Sentado na cama, acordo por completo; olho em redor... Não há nada além de uma agradável sensação de ter vivido uma grande capacidade de violência... mas estou bem, e deito-me, descansado e agradado; é bom!”

Este sonho repetiu-se várias vezes ao longo da sua psicanálise, até que “se extinguiu”.

E disse extinguiu-se pois não me recordo de ter feito interpretações muito incisivas; extinguiu-se sim, à custa da vivência emocional correctiva, isto é; ele pode vivenciar, narrar na relação, sem receber respostas taliónicas (externas ou internas) projetadas em mim.

III- A ligação à grupanálise

Os exemplos anteriores referiam-se à situação de psicanálise dual; agora quero pôr em destaque um aspeto muito importante da técnica grupanalítica mas, apenas com um exemplo por razões de tempo.

E vou sublinhar aquilo que posso chamar de Ressonância Grupal.

Numa sessão de grupo numa 2ª feira (dia 2 de Janeiro de 2012) após as férias que fizemos entre o Natal e o Ano Novo passou-se algo que me parece muito interessante por ressaltar como o *setting* grupanalítico pode acrescentar, sem faciosismos, alguma coisa ao *setting* individual e que designo como Ressonância Grupal.

Assim, tratava-se, e trata-se, dum grupo analítico (escola portuguesa) já bastante rodado, com seis participantes, comigo sete, onde um dos membros é um homem de cerca de cinquenta anos, engenheiro de crédito na sua área, com muita sensibilidade e abertura para os movimentos psicológicos dos outros, algo bonacheirão na aparência, com três casamentos interrompidos, sendo uma das suas queixas principais a de ter descargas agressivas bastante violentas na vivência, embora sem passagens ao acto físicas.

Tal incomoda-o muito e embora não seja declaradamente agressivo com os membros do grupo, é-o frequentemente, comigo quando faço qualquer intervenção que ponha em causa as suas construções racionalizadoras.

Nesta sessão, a certa altura, irritou-se fortemente comigo porque eu fizera um comentário qualquer que se contrapunha aos seus construtos da ocasião, e que giravam em torno do não saber o porquê das suas irritações e agressividade. Zangou-se muito.

(Vinheta)

Resumindo, comentei: *Porquê se irrita tanto só porque temos opiniões diferentes?*

Ele: *“Porque não me esclarecem.”*

Eu (recordando outras etapas da sua grupanálise) disse, “...e até que ponto a origem dessas agressividades vem de longe, da época em que com os seus 4 / 5 anos, teve uma osteomielite que o seu pai assustado e cuidadoso, vinha tratar magoando-o e não lhe garantindo a sobrevivência cujo o perigo você lia na inquietação da face dele?”

Z calou-se, ficando a pensar, com os restantes membros do grupo aguardando, expectantes... E passado um bom bocado começa a falar, muito tenso, dos momentos que vivia quando o seu pai, visivelmente muito inquieto, lhe vinha fazer os tratamentos muito dolorosos das feridas da osteomielite (nessa altura ainda não havia antibióticos eficazmente aplicáveis).

Falou do medo, da raiva, junto com o agradecimento ao pai, que não só resolveu o problema como, pela vida fora foi uma figura protetora mas “firme” e sendo um modesto Guarda -florestal, conseguira arranjar meios para que seu filho e filha tirassem cursos superiores e se encontrassem economicamente bem.

A Raiva e a Inibição da mesma foram intensamente abordadas perante o acolhimento atento do grupo.

Entretanto B, também rondando os 50 anos, com uma vida de Investigação no campo da alta especulação sobre Física e que constantemente traz para o grupo querelas com sua mulher por ela lhe impor condutas “mediócras e mesquinhas” (segundo ele) intervém (é a tal ressonância grupal):

Recorda como a mãe, quando ele era muito criança e, de certo modo, ainda hoje, insistia que “os *meninos não têm querer*”.

Eu: “*Ficou-lhe o medo de não ter querer e de ser desvalorizado como a sua mãe fazia ao seu pai e daí a sua fúria quando a sua mulher ” o proíbe de irem passar um fim-de-semana num ambiente, mesmo modesto, mas agradável*”.

B: “*Sim! Dá-me uma raiva tremenda como sentia quando minha mãe me negava o querer...e fazia de parvo o meu pai. Mas este arranjava outras mulheres; o que eu não consigo.*”

Ressonância grupal, como disse.

Para terminar, Julgo que estas reflexões teóricas e estes diferentes extratos de “Casos clínicos” dão margem para que os colegas congressistas investiguem qual a importância da veracidade dos conceitos “de assassinato do objeto imprescindível e imperecível” para a compreensão da violência tema do nosso XIII Congresso Nacional de Grupanálise, mas sobretudo que o todo lhes faculte a oportunidade de demonstrarem como a grupanálise é significativa para a compreensão das violências no global na eventual resolução das violências individuais. E a responsabilidade será vossa, com competência. Obrigado e termino.

ABSTRACT

The author, after remembering different forms of violence, explicit or implicit forms of violence, tries, as Freud did, to find profound and common reasons to all human kind for violent behavior. The author believes that he found into the psychological phenomena, that he called “the murderer of the indispensable and imperishable psychoanalytic object”. The author defines this kind of psychoanalytic object, develops some theory about it and presents some clinical examples.

KEYWORDS: Violence; Group Analysis; Epistemology of violence; Murderer; *indispensable* object; imperishable object

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo e Silva J (1979). Uma Metapsicologia da Adolescência. Trabalho apresentado no I Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência. Figueira da Foz, 8-11 de Novembro de 1979.
- Azevedo e Silva J (2012). O assassinato do Objeto Imprescindível e Imperecível. Trabalho apresentado no Seminário Eduardo Luís Cortesão, na Sociedade Portuguesa de Grupanálise. 7 de Janeiro de 2012. (Não publicado)
- Freud S (1912–1913). Totem e tabu. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Freud S (1929-1930). Mal-estar na Civilização. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Freud S (1932-1933). Porquê a Guerra - Carta a Einstein. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Freud S (1915a). Reflexões para os tempos de Guerra e Morte (A nossa desilusão perante a guerra. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, pp. 285.
- Freud S (1915b). Metapsicologia. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora.
- Margaret Mead: Coming of age in Samoa. In *Developments in Psychoanalyses*. Susan Isaacs, Joan Riviere e Paula Heimann (eds). Hogarth.